PROJETO MARAJÓ RESILIENTE

Ata da 5ª Sala de Situação Quilombola

Local: Comunidade Quilombola Caldeirão, Salvaterra - PA.
Data e hora: 25 de julho de 2026, das 09:00 às 16:00

A 5ª Sala de Situação Quilombola do Projeto Marajó Resiliente teve início às 09:00 do dia 26 de julho de 2026, na Comunidade Quilombola Caldeirão, no município de Salvaterra. Estiveram presentes as seguintes representações: Daniele dos Reis Pereira; Suane da Serra Gonçalves; Dayane Chaves Amador; Erica da Luz Lucena; Haroldo Júnior Miranda da Conceição; Simone Maria Lima dos Santos; Raimunda Maria Figueiredo da Silva; Jailson Figueiredo Pinheiro; Maria Solange da Silva; Ana Carla Gonçalves; Luana do Socorro da Conceição Gomes; Zuleide dos Santos Alcantara; Cauã da Silva Soares; Luiz Otávio Bandeira Cordovil; Raimundo Hilário Seabra de Moraes; Orionilda Maria Sales da Conceição; Joelma do Socorro Gonçalves do Nascimento; Diego Urubatan Andrade de Alcantara; Helena do Socorro Lima Cabral; Rosivaldo Moraes Correa; Kamila Leao Leão; Vanildo Assunção Ferreira; Ivaneide Santos Lobo; Luciane Barbosa Lopes; Emerson dos Santos de Miranda; Kaylane Dias Costa; Marcelo da Costa Tavares; Jeisy Afaela de Souza Ribeiro; Lara de Victória Almeida Vaz; Lanna Beatriz Lima Peixoto.

A atividade teve início com as boas-vindas aos participantes, seguida de uma roda de apresentação. Para este momento, foram distribuídos cartões contendo palavras como natureza, ancestralidade, território, colaboração, entre outras, de modo que cada pessoa pudesse se apresentar da forma que considerasse mais adequada e compartilhar o significado da palavra para si e para o Projeto Marajó Resiliente.

Após as apresentações, foi registrado o agradecimento à comunidade quilombola de Caldeirão pela acolhida, bem como a presença das lideranças e representantes das demais comunidades. Em seguida, foram apresentadas as pautas previstas para a reunião, não havendo inclusão de novos pontos pelas lideranças quilombolas.

Antes do início das discussões centrais, foi comunicado que a Apó Socioambiental não integra mais o conjunto de organizações aliadas na

implementação do Projeto Marajó Resiliente. Na ocasião, também foi reafirmado que o processo contínuo de Consulta Livre, Prévia e Informada seguirá sendo realizado, passando, neste momento, a ser conduzido diretamente pela equipe da Fundação Avina, sob a liderança de Lara Vaz, Marcelo Tavares e Emerson Miranda.

Em seguida, foi realizada a entrega de uma cópia impressa do Diagnóstico das Comunidades Quilombolas, documento elaborado pela Apó Socioambiental a partir das oficinas de mapeamento cartográfico conduzidas nos territórios quilombolas. Também foi entregue o Plano Quilombola, construído no âmbito da Sala de Situação Quilombola sob a coordenação da Apó Socioambiental, previamente discutido, construído coletivamente e validado pelas comunidades participantes.

Foi informado às lideranças e representantes presentes que o Plano e o Diagnóstico passarão por um processo de formatação e adequação à identidade visual do Projeto Marajó Resiliente. Além disso, foi estabelecido o prazo de 30 dias para que as comunidades quilombolas encaminhem contribuições, solicitações de ajustes, correções ou demais observações consideradas pertinentes aos documentos.

1. Apresentação sobre monitoramento comunitário

Lanna Peixoto, conduziu uma apresentação sobre os conceitos e objetivos do monitoramento no âmbito do Projeto Marajó Resiliente. A discussão partiu das questões como: Onde queremos chegar com o projeto? Como identificamos que o projeto deu certo? Quais sinais indicam os avanços alcançados? Para além do projeto, quais são os planos de vida das comunidades?

Para iniciar a discussão, Lanna apresentou as estratégias de monitoramento já implementadas no âmbito do projeto. Entre elas, destacam-se o acompanhamento realizado junto às organizações parceiras por meio de reuniões periódicas e envio de relatórios; o mecanismo de pagamento por resultados, que envolve o monitoramento das áreas pelos multiplicadores; os espaços participativos de governança, como o Comitê Consultivo Local e as Salas de Situação; a pesquisa sobre os benefícios dos Sistemas Agroflorestais SAFs, conduzida pelo CEIA; a avaliação de meio-termo do projeto; e os processos de acompanhamento desenvolvidos em cada comunidade. Nesse contexto, foi reforçado que o monitoramento constitui uma responsabilidade compartilhada entre todos os envolvidos, sendo fundamental a participação ativa das comunidades na observação e registro das transformações promovidas pelo projeto em seus territórios.

Ao abordar o conceito de monitoramento, foi destacado que seu objetivo é verificar em que medida os resultados esperados estão sendo alcançados.

Quando questionados sobre os principais resultados almejados, os participantes identificaram os seguintes temas: alimentação, soberania, proteção, produção, comercialização, saúde e subsistência. Entretanto, houve uma reflexão crítica sobre o uso do termo subsistência, considerado limitante para representar a realidade e os projetos de futuro das comunidades quilombolas. Em substituição, foi proposta a adoção da expressão soberania dos territórios, por abranger, de forma mais ampla, as dimensões produtivas, alimentar, econômica, social e cultural.

Também foi sugerida a inclusão explícita de resultados relacionados à proteção ambiental e à defesa dos territórios, reconhecendo a estreita relação entre adaptação climática, conservação dos recursos naturais e permanência das comunidades em seus territórios para a reprodução de seus modos de vida.

A partir das discussões, as comunidades indicaram como potenciais indicadores de monitoramento a redução da dependência de produtos adquiridos fora dos territórios, o aumento da comercialização dos produtos oriundos das comunidades e a melhoria da produção, especialmente em termos de diversificação. Como exemplos de metas, foram mencionadas a eliminação da importação de banana (0%), o consumo integral de frutas e hortaliças produzidas nos próprios territórios (100%) e a redução da dependência de compras externas para apenas 20% dos insumos e alimentos necessários às famílias.

2. Mecanismos de monitoramento

Na sequência, foi apresentada a proposta de monitoramento comunitário prevista inicialmente no Plano de Trabalho Apó, incluindo os instrumentos de coleta de dados e as estratégias de acompanhamento participativo. Destacou-se que o instrumento tem como objetivo captar, de forma contínua, simples e participativa, as percepções das comunidades quilombolas sobre a implementação do Projeto Marajó Resiliente, fortalecendo os processos de escuta comunitária e contribuindo para a tomada de decisão no âmbito da Sala de Situação Quilombola.

Foi informado que a aplicação do instrumento ocorrerá bimestralmente, utilizando meios de comunicação acessíveis às comunidades, especialmente o WhatsApp. O instrumento poderá assumir diferentes formatos, como formulários digitais simplificados, enquetes, caixas de perguntas em grupos ou, preferencialmente, mensagens enviadas diretamente aos participantes, com possibilidade de resposta privada. Os resultados mapeados serão apresentados em cada Sala de Situação Quilombola para serem validados coletivamente.

Para subsidiar a discussão, uma cópia do instrumento foi entregue a cada participante. Em seguida, foram formados grupos com aproximadamente cinco pessoas, que realizaram a leitura e a avaliação das perguntas propostas, analisando sua pertinência e manifestando concordância ou sugestões quanto à aplicação do questionário.

Em diálogo com a atividade anterior, foi ressaltado que uma das seções do instrumento busca acompanhar os indicadores definidos pelas próprias comunidades quilombolas. Dessa forma, os participantes foram convidados a identificar resultados e indicadores que consideram representativos dos avanços gerados pelo projeto e que deveriam ser monitorados periodicamente pelas comunidades.

Como resultado da atividade, foram indicados os seguintes temas prioritários para o monitoramento comunitário:

Soberania alimentar	• Redução da compra de produtos externos; • Ampliação do processamento de alimentos produzidos nos territórios; • Melhor uso da terra; • Ampliação do uso de matéria orgânica.
Proteção do território	• Adoção de melhores práticas de manejo e conservação; • Fortalecimento dos conhecimentos tradicionais.
Produção	• Redução da utilização de insumos externos; • Melhoria e diversificação da produção.
Comercialização	• Comercialização de produtos e insumos oriundos dos SAFs; • Ampliação do acesso a mercados institucionais; • Aumento da comercialização da produção local.
Autonomia e fortalecimento comunitário	• Maior envolvimento da juventude; • Ampliação dos conhecimentos e capacidades locais; • Fortalecimento dos coletivos e organizações comunitárias.
Saúde	• Melhoria das condições de saúde associadas à alimentação;

	• Maior consumo e cultivo de plantas medicinais.

Os indicadores e metas elaborados pelos grupos foram registrados em cartazes e apresentados ao conjunto dos participantes para validação coletiva. Ao final da atividade, foi acordado que a equipe da Fundação Avina realizará a sistematização das contribuições recebidas e retornará às comunidades uma proposta consolidada de indicadores para acompanhamento por meio do questionário. O instrumento de monitoramento comunitário foi aprovado por consenso pelos participantes, sendo sugerida apenas a inclusão de uma pergunta referente ao gênero da pessoa respondente.

3. Dados sobre a participação quilombola no Projeto Marajó Resiliente

Lara apresentou um panorama dos resultados alcançados pelo Projeto Marajó Resiliente em relação à participação e ao engajamento das comunidades quilombolas, ressaltando que os avanços obtidos decorreram de processos participativos construídos junto às lideranças e organizações quilombolas, especialmente por meio das Salas de Situação Quilombola. Destacou-se que as estratégias e ações do projeto foram continuamente ajustadas a partir das demandas, recomendações e deliberações construídas nesses espaços de diálogo. Abaixo, um quadro com as informações apresentadas:

Resultado	Descrição
Formação de multiplicadores(as) quilombolas	Formação de 14 multiplicadores(as) quilombolas em saberes agroflorestais, integrantes de uma turma composta por 30 participantes. O processo seletivo foi realizado por meio de edital público, cuja metodologia e estratégias de mobilização foram aprimoradas com contribuições das lideranças quilombolas durante a 1ª Sala de Situação Quilombola.
Implantação de Unidades de Referência e viveiros	Implantação de 14 Unidades de Referência e 14 viveiros de mudas em comunidades quilombolas, fortalecendo processos locais de formação, experimentação e disseminação de práticas agroflorestais.
Inscrição de famílias para recebimento de SAFs	Inscrição de 527 famílias quilombolas para acesso aos SAFs. O edital foi discutido e aperfeiçoado no Comitê Consultivo Local, com participação de representantes quilombolas de Salvaterra e Cachoeira do Arari.
Cartografia social	Realização de oficinas de cartografia social em 18 das 20 comunidades quilombolas participantes, contribuindo para ampliar a mobilização comunitária e a adesão das famílias ao projeto.
Salas de Situação Quilombola	Realização de quatro Salas de Situação Quilombola, consolidando espaços de diálogo, planejamento e tomada de decisão entre lideranças quilombolas e organizações parceiras. Esses espaços

	apoiaram a elaboração e validação coletiva de instrumentos como o Plano Quilombola.
Valorização de conhecimentos locais	Realização de duas oficinas de identificação de técnicas de processamento de produtos em comunidades quilombolas, com expressiva participação de mulheres quilombolas.
Fortalecimento de negócios comunitários	Cinco empreendimentos comunitários quilombolas passaram a receber acompanhamento da Conexsus. A seleção buscou representar a diversidade dos territórios envolvidos e ampliou a meta inicial do projeto, que previa apoio a apenas dois negócios comunitários.
Formação de ativadores(as) de crédito	Formação de pelo menos dois/duas ativadores(as) de crédito quilombolas, indicados(as) pelos próprios negócios comunitários acompanhados pelo projeto.

4. Pesquisa de avaliação de impacto

Ana Paula, representante do CEIA, com o apoio de Lanna, apresentou a pesquisa de avaliação de impacto a ser realizada no contexto do Projeto Marajó Resiliente, destacando seus objetivos, metodologia e a importância da participação de moradores dos territórios como pesquisadores(as) comunitários(as).

Em seguida, foram apresentados detalhes sobre o processo de seleção dos(as) pesquisadores(as) comunitários(as). Foi informado que a mobilização inicial ocorreu em parceria com as coordenações da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) Campo e Quilombola. Contudo, ao longo do processo, outras pessoas também foram mobilizadas e se inscreveram, incluindo participantes que não integravam diretamente as turmas do EJAI Campo e Quilombola.

Durante o debate, as lideranças quilombolas presentes manifestaram preocupação com a forma como o processo foi conduzido, avaliando que a seleção realizada não refletiu adequadamente a diversidade das comunidades quilombolas envolvidas no projeto. Também foram levantados questionamentos sobre os critérios adotados para a seleção de algumas pessoas e a não seleção de outras, bem como sobre a ausência de validação prévia junto às lideranças quilombolas.

Após a leitura da relação de pesquisadores(as) comunitários(as) selecionados(as) e suas respectivas comunidades, as lideranças procederam à análise dos nomes apresentados e identificaram situações que, em sua avaliação, não correspondiam aos critérios de representatividade quilombola. Nesse contexto, foram invalidadas quatro inscrições realizadas como representantes de comunidades quilombolas:

- Uma inscrição da comunidade Boca da Mata, por se tratar de uma pessoa filha de quilombola, mas que não nasceu, não foi criada e não possui trajetória de vivência na comunidade;
- Uma inscrição da comunidade quilombola Caldeirão de uma pessoa que não faz parte da comunidade, mas é aluna do EJAI Quilombola.
- Duas inscrições vinculadas à comunidade São Veríssimo, localidade situada no território da comunidade quilombola de Caldeirão, e em situação de conflito fundiário com a comunidade quilombola.

Como encaminhamento, foi informado que o processo de seleção será revisto, especialmente nos territórios onde ainda não houver pesquisadores(as) comunitários(as) selecionados(as). Nesses casos, as lideranças locais serão consultadas para indicar pessoas que atendam aos critérios de representatividade e possuam vínculo efetivo com as comunidades.

Também ficou acordado que a validação dos nomes indicados passará a contar não apenas com a avaliação da equipe do CEIA, mas também com o apoio da Regional Marajó da Malungu e das lideranças das respectivas comunidades quilombolas onde os(as) pesquisadores(as) residem. Por fim, foi definido que a lista atualizada de pesquisadores(as) comunitários(as) será compartilhada no grupo de WhatsApp da Sala de Situação Quilombola, garantindo transparência e possibilitando novas contribuições das lideranças antes da conclusão do processo.

Encaminhamentos:

Durante a reunião foram definidos os seguintes encaminhamentos:

- Entrega dos Termos de Autorização para realização da pesquisa de avaliação de impacto do projeto, devidamente assinados pelas representações das comunidades quilombolas, no prazo de duas semanas. Emerson está responsável pelo recolhimento dos termos assinados.
- Revisão do Plano Quilombola e do Diagnóstico até 25/08/2026, para que seja possível dar prosseguimento ao processo de diagramação dos materiais.
- Apresentar o funcionamento do RBPS durante as visitas às Unidades de Referência.
- Incorporar as sugestões de indicadores apresentadas pelos grupos na revisão do instrumento de monitoramento comunitário participativo.
- Realizar a validação dos(as) pesquisadores(as) comunitários(as) em diálogo com as lideranças das comunidades quilombolas, a Regional

Marajó da Malungu e a equipe do CEIA, de modo a garantir maior representatividade e legitimidade no processo.

- Compartilhar, no grupo de WhatsApp da Sala de Situação Quilombola, a lista atualizada de pesquisadores(as) comunitários(as) após a revisão e validação do processo de seleção.
- Aplicação de questionário para o monitoramento comunitário via WhatsApp, contemplando perguntas relacionadas aos indicadores identificados e priorizados pelas comunidades durante a Sala de Situação Quilombola.

Encerramento

O 5º Encontro da Sala de Situação Quilombola foi encerrado com uma visita de campo à Unidade de Referência da multiplicadora Joneide, moradora da Comunidade Quilombola Caldeirão. A atividade proporcionou às lideranças presentes a oportunidade de conhecer, na prática, os resultados do trabalho desenvolvido pela multiplicadora, observando as espécies cultivadas, a organização da área produtiva e as estratégias de manejo adotadas por ela para fortalecer a sua produção agroflorestal.

Durante a visita, Joneide compartilhou sua experiência na implantação e condução do sistema, apresentando as técnicas utilizadas para o estabelecimento e desenvolvimento das espécies cultivadas, bem como as adaptações realizadas para enfrentar os desafios ambientais e os impactos das mudanças climáticas. A multiplicadora também destacou práticas voltadas ao aumento da diversidade produtiva, à conservação do solo e à melhoria das condições de produção no território.

ANEXO 01

Fotos

COZINHA
COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE SALVAR

FAMILIA
GDR
BAR
COZINHA
COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE SALVAR

MARAJÓ
RESILIENTE